

EXCERTOS

La Puissance de la Personalité à la Guerre.
— General Barão Von Freytag — Loring-
hoven, Paris, 1913.

Tradução do Cel. RENATO B. NUNES,
da Reserva de 1ª classe.

— A GUERRA E' O DOMÍNIO DA INCERTEZA

“A guerra é o domínio da incerteza; três quartos das cou-
m que assenta sua direção estão imersas num nevoeiro de
tezas, mais ou menos denso. Para que se possa, então, com
to do critério, descobrir a verdade, é antes de tudo neces-
ser dotado de inteligência penetrante e sagaz.”

Entretanto, se a direção da guerra tem que se processar
nuamente no desconhecido, e se a cada passo as mais im-
antes decisões se apoiam sôbre bases incertas, seria abso-
nente falso considerar as vitórias como fruto de um acaso
. O que entra aqui em linha de conta, não é a “sorte”,
preendida em sua acepção popular, mas esta sorte que
ke caracteriza quando diz: “Quem é hábil, é quase sempre
recido por uma sorte duradoura”.

“Uma inteligência média pode, por acaso, chegar à ver-
e, e casos há em que a coragem extraordinária pode suprir
lta de inteligência; mas, na maioria das vezes, onde ela
r, apenas se conseguirão êxitos passageiros.”

Clausewitz quer exprimir com isto que, com o auxílio das
ldades intelectuais desenvolvidas ao máximo, é possível

criar situações de guerra assaz favoráveis, que encerram em si mesmas uma certa possibilidade de êxito.

Nenhum general agirá ao acaso, sem bases suficientes, sem que o conhecimento geral da posição do adversário, e sem haver ferido e marcado uma idéa aproximada de seus desígnios; mas não se deve esquecer que lhe é difícil, quase impossível, obter na guerra o esclarecimento completo da situação. Deverá estar intimamente convencido de que as resoluções mais importantes serão tomadas, na maior parte das vezes, "no nevoeiro das incertezas". (1)

A falta frequente de informações se junta, na guerra, a circunstância agravante da exatidão precária das que se recebem. "Lê-se, em todos os livros, que é preciso crer somente nas informações certas, e desconfiar sempre; isto não passa, porém, de fraca consolação livresca, que os inventores de métodos e os autores de manuais aconselham, na falta de cousa melhor.

"De tôdas as informações que se colhem na guerra, umas são contraditórias, outras falsas e evadas da maior incerteza. Tudo quanto se pode exigir do oficial, neste particular, é que seja dotado de um "faro" especial, que somente o conhecimento dos homens e das cousas, aliado ao discernimento, podem proporcionar. As leis da verossimilhança devem guiá-lo. Esta dificuldade não é considerável quando se trata das primeiras decisões tomadas no gabinete de trabalho, e fora da esfera da guerra propriamente dita; mas é infinitamente maior quando no tumulto da guerra, as informações chegam, umas atras das outras.

(1) — É uma verdade, sobretudo quando se considera que, pela doutrina alemã, procura-se deduzir das informações quais sejam os desígnios, as **intencões** do inimigo. Ao contrário disso, a doutrina francesa leva a formular um certo número de hipóteses sobre as **possibilidades de ação do adversário**, fundadas nas informações colhidas, de acôrdo com o plano de busca. Se a densidade do "nevoeiro" não diminui, é, pelo menos, certo que o comando estará preparado para enfrentar as hipóteses que se verificarem, evitando, dessarte, as surpresas perigosas e desconcertantes que podem decorrer do fato de se emprestar ao inimigo desígnios que não tem. — (Nota do tradutor).

A maior parte das informações são falsas, e a pusilanímicos homens empresta maior força à mentira e à falsidade.

Em geral, cada qual é inclinado a acreditar mais no mal e no bem, e a aumentá-lo; e, embora as cousas perigosas das dessa maneira, desabem umas sôbre as outras, como as do mar, elas se reconstituem sempre, como estas, sem causa visível. Firmemente confiante em seu valor, o chefe er como o rochedo, contra o qual as vagas se vêm quebrar.

A tarefa não é fácil; quem não fôr naturalmente dotado de smo, quem não tiver experiência da guerra, ou quem não seguro de seus julgamentos, pode, se quizer conservar o deiro equilíbrio, adotar, como regra, a luta violenta contra ópria convicção, e, deixando de lado as apreensões, volpara a esperança.

Os caracteres ordinários que seguem os impulsos alheios, se-se-ão, frequentemente, irresolutos; acreditam nas circunstas totalmente diferentes daquelas que haviam suposto, e mais quanto maior tenha sido o crédito atribuído às opidos que os cercam. Entretanto, também aquêle que toma o suas decisões, e vê com seus próprios olhos, está igual-sujeito a se sentir desorientado por sua opinião pessoal. ne confiança em si, deve garanti-lo contra os impulsos de nto."

Os generais de Napoleão perguntaram-lhe um dia, cheios admiração, que fazia êle para adivinhar exatamente os des do inimigo, e como colhia as informações verídicas que m inspirar seus atos. Respondeu-lhes o Imperador: "Eu abia, prèviamente, que faltas meu adversário iria cometer, seriam punidas por mim; meditava, simplesmente, estu-a carta." Não eram, portanto, os dons de um vidente que illiavam a colher os triunfos, mas os de um grande capitão por um trabalho de meditação constante sôbre a carta, à clarividência, e ao qual é dado "sentir a verdade com o de seu julgamento".

Na guerra, Napoleão decidia baseando-se no que de podia acontecer, e escrevia: "Tenho por hábito pensar com ou quatro meses de antecedência, no que devo fazer; e calculo pelo pior." Por certo, as previsões hábeis e justificadas são melhor meio de evitar disposições preconcebidas, que seriam inadmissíveis; só elas permitem, pois que de antemão se arrazaram tôdas as eventualidades, realizar no momento oportuno que é justo. E' nesse sentido que a atividade de Napoleão exercia com grande antecedência, mas, apesar disso, sempre apropriada à situação. Ele sente, constantemente, as incertezas da guerra, mas domina as dificuldades, porque se conserva sempre senhor de suas decisões.

"Os atos sucessivos da guerra não são cousas premeditadas, mas atos espontâneos, dirigidos pelo que se poderia denominar o tacto, o senso da guerra. Trata-se, em cada caso particular de tirar da nêvem de incertezas que a rodeiam, aquilo de que se trata, de apreciar no seu justo valor o que se chega a conhecer de penetrar no desconhecido, de tomar rapidamente uma decisão, e de executá-la, então, enèrgicamente, sem hesitação.

A realização de uma vontade que vai diretamente ao fim colimado, é inteiramente diferente dessa falsa perseverança que se aferrada a opiniões preconcebidas, não leva em conta a vontade independente do adversário e esquece que, se o chefe deve sempre presente no espírito a *missão* que deve cumprir através das alternativas dos acontecimentos, deve também estar convencido do que faz, e de que o caminho pelo qual espera atingir seu fim não poderia ser fixado previamente, com inteira segurança.

Em tôdas as ocasiões em que as opiniões preconcebidas reinaram nas altas esferas do comando, seguiu-se a ruína dos exércitos.

Se o fato de persistir em opiniões preconcebidas, conduta, a iludir-se a si mesmo quanto às dificuldades existentes, e a não levar em conta as cousas imprevistas, o fato de se deixar conduzir,

guerra por idéias inteiramente teóricas, por imagens criadas uma vez para sempre, produz os mesmos resultados, e em grau muito mais elevado.

"Quem quizer se mover num elemento como é a guerra, não pode mais extrair dos livros que a educação do espírito; toda idéias feitas, que não lhe são inspiradas pelas necessidades do momento, e que não são o fruto de sua carne e de seu sangue, verá a onda dos acontecimentos derribar o edifício antes mesmo de estar terminado.

Jamais conseguirá fazer-se compreender pelos que o cercam, entre estes, os espíritos mais esclarecidos, que sabem, com nitidez, o que querem, não depositarão nele confiança nenhuma.

Um espírito que se nega absolutamente a abandonar qualquer coisa de sua opinião inicial, quando as circunstâncias o exigem, nada conseguirá, jamais, na guerra. O êxito pertence sempre a quem souber adaptar-se sempre, no momento oportuno às diversas eventualidades.

É nesse sentido que cumpre interpretar a afirmação de Clausewitz, quando diz nunca ter feito um plano de operações; e as palavras de Mollke: "Nenhum plano de operações poderá previr os acontecimentos, com certeza, além do primeiro encontro com as forças principais do inimigo. Não se pode prever o domínio completo do acaso, mas pode-se diminuir-lhe os efeitos, desde que se tenham adotado disposições que atendam às diversas eventualidades possíveis e, quando se tem consciência das próprias forças, agindo com a maior atividade e não permanecendo passivo.

As cousas inesperadas que encontramos continuamente na guerra exigem a livre criação intelectual, que é própria do arte, porque a rotina do artesão é impotente neste domínio. Para quisermos sair vitoriosos dessa luta constante com o imprevisível, duas qualidades se tornam indispensáveis: primeiro, uma

inteligência que, nessa obscuridade profunda, não seja desviada de algumas centelhas da luz interior que nos conduz à verdade; depois, a coragem de seguir essa fraca luz. A primeira do domínio da imaginação e da representação das cousas, expressão francesa "golpe de vista", caracteriza-a perfeitamente; a segunda, é o espírito de decisão...

"Há pessoas que possuem os mais brilhantes dons de espírito para resolver problemas particularmente árduos, às que não falta igualmente a coragem das responsabilidades assumidas, mas que, entretanto, não conseguem tomar uma resolução em casos difíceis. Sua coragem e sua inteligência se acham paradas, cada qual de seu lado, sem se darem as mãos; e ent nunca darão provas de espírito de decisão, se não intervier um terceiro fator.

"Em cada caso particular, o espírito de decisão é um traço de coragem; quando êste se torna um traço do caráter, é um hábito da alma. A inteligência, por si só, não faz a coragem porque vemos muitas vezes homens de espírito incapazes de tomar uma resolução. A inteligência deve, portanto, despertar primeiro, o sentimento de coragem, para nêle se apoiar, porque na angústia do momento, os sentimentos dominam muito mais fortemente que os pensamentos.

"Com o "golpe de vista" e o espírito de decisão, são levados a falar na "presença de espírito, que deve acompanhar os e que, no domínio do inesperado, que é a guerra, deve representar papel importante, pois é nada menos que a dominação do imprevisto. Quando se fala em golpe de vista, portanto, não se trata somente dos olhos corporais, mas, sobretudo, dos olhos do espírito."

No século XVIII, no domínio da tática, o "golpe de vista" do general era, sobretudo, de ordem física. Os exércitos por vezes importantes, a tática dos combates, lhe permitiam, na maior parte dos casos, abranger com um mesmo olhar, no campo

ha, não somente as próprias tropas, como as do inimigo; isto não é mais possível para um comandante de corpo de exército, e apenas o será para um comandante de divisão. Se a batalha não da batalha era mais fácil nos tempos de Frederico, e no tempo de Napoleão, do que atualmente, é mister, entretanto, não perder de vista que esses grandes capitães só transformavam derrotas que travavam em derrotas decisivas do inimigo, e que, ao lado do "golpe de vista" corporal, eram dotados, em muito alto grau, do "golpe de vista" intelectual; que eram igualmente dotados desse espírito de decisão que se liga intimamente à coragem de bater-se, e que se manifesta tanto na batalha quanto na estratégia dela.

Se estes espíritos de primeira ordem mostram, na direção dos exércitos, o mesmo espírito de decisão que no domínio táctico muito mais restrito, há, de outro lado, numerosos exemplos de homens que, tendo dado provas, da maior decisão em circunstâncias menos amplas da guerra, perderam-na inteiramente em circunstâncias mais importantes.

"Na estratégia, o espírito de decisão não pode faltar, tanto quanto, frequentemente se torna necessário tomar decisões sem perda de tempo. Dizia-se do general Moreau, um dos comandantes do exército da primeira República francesa: "Seu defeito principal, era a irresolução. Qualquer decisão que tivesse de tomar, o excitava; e tão logo se decidia, lamentava a decisão tomada, só lhe via os inconvenientes, agravava-os, por gosto, no próprio pensamento, e perdia, em consequência, o momento da vitória."

Aplicando a Moreau que se aplicam bem estas palavras: "Embora os melhores homens possuam as qualidades necessárias para poderem tomar decisões, encaram sempre os perigos de um erro e, como não estão familiarizados com as cousas que têm diante de si, a inteligência perde a força inata, e se tornam tanto mais titubantes quanto melhor conhecem o perigo da irresolução, da indecisão e sentem joguetes, e quanto mais estavam habituados a vencer antes com presteza."

Nenhuma vitória será completa se não fôr seguida de uma perseguição fecunda em resultados; mas esta não se executa se o comando não houver estendido suas preocupações além do campo de batalha pròpriamente dito.

Nas batalhas decisivas malogradas, o espírito de decisão do chefe será submetido a rudes provas. Trata-se, então, de adoptar para a retirada, as primeiras disposições que a situação impõe e que a autoridade ainda exercida sôbre as tropas derrotadas permitam; de pôr essas disposições em acôrdo com as exigências da situação geral e com a continuação do conjunto das operações. Acresce que essas determinações devem ser ordenadas em meio aos mortos e moribundos, sob a impressão de uma derrota, que todos os sacrificios de vidas humanas foram imputados para conjurar.

Entre as circunstâncias múltiplas da guerra, sejam quâes forem as que encararmos, as mais favoráveis como as mais desfavoráveis, nelas se mostra sempre “a luta pela decisão” como o mais elevado de nossos deveres. Ela implica para o comandante, qualquer que seja seu posto, elevado ou não, a concentração de tôdas as fôrças do espírito e da alma. Cada um de nós possui, por temperamento, uma facilidade maior ou menor para tomar decisões; mas, pela educação perseverante de si mesmo e mediante exercícios simples e repetidos, é fácil desenvolver essa faculdade.

Chegaremos, então, e por êsse meio, “a suprimir em si mesmo todo o temor, pelo receio de incidir na hesitação e na temporização”.

“Aquilo a que chamamos inspiração, não é mais que um cálculo ràpidamente feito.” (Marechal Soult).

V — O CHEFE PRECISA TER IMAGINAÇÃO

“Na guerra, o chefe exerce sua atividade em extensões de terreno que influem de maneira preponderante sôbre a eficácia

operações. Quem comanda, não pode abranger com a vista espaços que nem o maior zêlo permite explorar, e que só raramente conseguirá conhecer com precisão, por causa da **variação constante dos aspectos.**”

Sem dúvida, o adversário, na maior parte das vezes, enfrenta as mesmas dificuldades. “Mas, a generalização da dificuldade não a suprime, e quem a superar pelo talento ou destreza, terá a seu favor enorme vantagem. Demais, esta valência das dificuldades desaparece no caso particular em habitualmente, um dos dois adversários (o que se defende) ocupa melhor o terreno do que o outro.”

“Esta dificuldade, inteiramente particular, só pode ser vencida mediante a disposição de espírito igualmente particular, cuja expressão “senso do terreno” traduz de maneira imperiosa. É a faculdade de formar, rapidamente, uma imagem métrica exata de uma região e, por conseguinte, de poder adaptar-se e mover-se em qualquer circunstância.

“Isto pertence, evidentemente, ao domínio da imaginação; apega-se com certeza a essa concepção, parte com os olhos e parte com a inteligência, que supre as lacunas entre elementos oriundos da ciência, da experiência, e reúne todo os fragmentos percebidos pelos olhos humanos. Mas, para que esse conjunto se nos apresente ao espírito de maneira clara, para que se transforme numa imagem, cujos traços característicos perdurem e não se confundam, faz-se mister apelar para essa força de espírito que chamamos imaginação... Não pode negar que o hábito e a inteligência não venham em seu auxílio.”

“É natural que as aplicações dêsse talento se tornem cada vez mais importantes, à proporção que se sobe na escala hierárquica.

É a esta “carta desenhada dentro de nós mesmos” que von Thun alude, quando diz que o cérebro dos oficiais deve estar forrado de croquis.

Se quisermos apreciar, em seu justo valor, as informações contidas pela carta, é sempre necessário prová-la com tropas, pela aplicação. Esta faculdade é, antes de tudo, uma disposição

natural, porque não é dado a todos poder formar, no terreno ou na carta, a imagem real de forças que o olho não vê; mas um dom que, como qualquer outro, se aperfeiçoa com o exercício. E' d'êste poder de imanigação que depende, em campanha, a resolução brilhante de numerosas dificuldades.

Com o auxilio da imaginação educada, de acôrdo com as exigências da guerra, quem tiver que atuar em campanha sempre diante dos olhos um quadro preciso da situação militar e ficará, por conseguinte, em condições de adotar as disposições adequadas a cada circunstância. Evidentemente, com a incerteza sempre reinante na guerra, o quadro poderá induzir erro, e, por conseguinte, as providências tomadas não serão talvez, as melhores que se podiam esperar; mas é muito raro que, com uma execução resoluta, nenhum êxito seja logrado, porque as providências assentam em dados positivos.

VI — SÔMENTE UMA ALMA FORTE PODE RESISTIR IMPRESSÕES PRODUZIDAS PELA GUERRA

“Uma alma forte não é simplesmente a que é susceptível de grandes arrebatamentos, mas a que permanece equilibrada em meio às mais violentas emoções, de tal maneira que, apesar do tumulto do coração, a inteligência e a vontade sejam como a agulha da bússola que, no navio sacudido pela tempestade, continua a dar as informações mais precisas e acusa as variações mais delicadas.”

“A guerra, domínio do perigo, dos esforços físicos lentos e da incerteza, impõe continuamente as maiores exigências no que respeita à força de alma do chefe; na maior parte das vezes, porém, as impressões resultantes do próprio combate forçarão a apelar para ela. “Quando uma tropa combativa cheia de coragem, de ardor, de entusiasmo, é raramente necessária dar provas de grande força de vontade, na realização dos nossos desígnios. Desde que as circunstâncias se tornam difíceis, porém, — e será impossível evitar que tal aconteça, quando se tem de executar alguma tarefa fora do comum — as coisas já não marcharão por si, como na máquina bem lubrificada

máquina começa a oferecer resistências, e é à grande força de vontade do chefe que incumbe vencê-las.

“Nas causas dessa resistência, não consideramos, absolutamente, a desobediência e o espírito de contradição, embora possamos encontrá-los frequentemente nos indivíduos isolados. Queremos referir-nos à impressão de que tôdas as forças físicas e morais se vão enfraquecendo, do espetáculo pungente que os sacrifícios sangrentos deparam aos olhos dos chefes, e contra o efeito dos quais êle deve reagir no seu próprio íntimo, bem como contra todos os que, direta ou indiretamente lhe comunicam suas impressões, sentimentos, angústias e esperanças.

“Assim como as forças de um indivíduo se enfraquecem, a vontade própria manifesta-se incapaz de reanimá-lo, também a inércia inteira da massa vai pesando, pouco a pouco, sobre a vontade do general-chefe. O desejo de atingir os fins, e os clamores da esperança, devem poder reacender-se na alma de todos os que o rodeiam, graças ao ardor do coração e à luz do espírito do chefe. Tanto maior seja esse poder do chefe, mais lhe será possível impor-se à massa e conservar-se senhor dela. Mas, desde que essa dominação cesse, desde que sua própria coragem não seja mais bastante forte para reanimar a dos demais, a massa destaca-se dêle, e deixa que se manifestem os mais baixos sentimentos da natureza animal, que a fazem recuar diante do perigo e a tornam insensível perante a vergonha.

“Tais são as resistências que a coragem e a força d'alma do chefe devem vencer no combate, se quiser desempenhar realmente seu papel. Elas crescem com a massa, e para que as forças se conservem proporcionadas ao peso da tarefa que devem suportar, faz-se mister que elas aumentem com a importância da função.”

O desfecho infeliz de uma batalha decisiva influi extraordinariamente sobre o espírito do comandante-chefe. “As dificuldades que essa coragem e grandeza d'alma têm que vencer, crescem com as massas”, suas forças devem, portanto, ser capazes de suportar o peso de sua tarefa. Os chefes de alta hie-

rarquia e, notadamente, o comandante de um exército, devem restringir-se à maior reserva, se não quiserem perder de vista o conjunto. Se se apresentarem pessoalmente na zona do perigo, as impressões do combate atuarão sobre êles de maneira demasiado imediata, e atrairão muito sua atenção. Napoleão sabia, de maneira magistral, observar semelhante reserva quando se tornava necessário. Em Bautzen, esperando que o ataque decisivo se produzisse, permanecia tranquilamente sentado numa cadeira de campanha e fez-se surdo a todos os pedidos de socorro de sua ala direita, onde o combate se apresentava desfavorável, porque o ataque decisivo devia executar-se na ala oposta, por um movimento envolvente do marechal Ney.

Segundo Clausewitz, "a diferença na constituição das almas depende verdadeiramente do limite das forças corporais que animam o organismo humano, e decorre dessa natureza anfíbia a que denominamos sistema nervoso, e que parece atuar, de um lado, sobre a matéria, e de outro, sobre o espírito."

Clausewitz distingue, em relação à constituição da alma, quatro espécies diferentes de homens: em primeiro plano, os fleugmáticos e os indolentes. "Nêles, o equilíbrio não se pode destruir facilmente, mas, é evidente, não seria aceitável dizer-se que possuam força de alma, porque lhes falta qualquer manifestação de força. Cumpre, entretanto, reconhecer que tais homens, precisamente por causa de seu equilíbrio na guerra, têm certa habilidade. Mas falta-lhes, quase sempre, o móvel positivo da ação, a vontade de agir e, por conseguinte, a atividade; apesar disso, é raro conduzirem à ruína o que dirigem."

A segunda espécie, "compreende os homens muito ativos, mas cujos sentimentos não ultrapassam, jamais, uma certa força. Sensíveis e calmos, são facilmente arrastados à ação por motivos de pouco valor, mas as circunstâncias graves os esmagam. Não lhes faltando na guerra, nem atividade, nem equilíbrio, são, entretanto, incapazes de executar grandes ações."

Em terceiro lugar, vêm os caracteres excessivamente excitáveis, "cujos sentimentos se inflamam rapidamente e violenta-

como a pólvora, mas não duram muito tempo. Suas paixões impetuosas e inflamadas, não se coadunam muito com a vida prática e, por conseguinte, com a guerra. Consequentemente, o benefício dos fortes impulsos, mas estes não duram.

Entretanto, quando a atividade desses homens é dirigida pela coragem e a ambição, podem prestar serviços apreciáveis à pátria, notadamente nos postos subalternos, pela simples razão de que as missões que lhes cumpre executar são, em regra, de curta duração. Quando têm a iniciativa de uma solução, as faculdades da alma se lhes incendiam. Uma surtida corajosa, um "hurra!" violento, são obra de poucos minutos; uma batalha é obra de um dia inteiro, e uma campanha dura um ano.

Em razão da vivacidade arrebatadora de seus sentimentos, homens de semelhante temperamento só dificilmente podem manter o equilíbrio d'alma; por isso, perdem frequentemente a calma que, no que respeita à direção da guerra, é a pior das qualidades que eles censuráveis.

Entretanto, contrário à experiência pretender que os homens facilmente excitáveis nunca sejam fortes, isto é, que consigam conservar o equilíbrio, mesmo em meio às mais violentas emoções.

Por que não haveriam de possuir o sentimento da dignidade própria, como é, aliás, de regra, nas mais nobres naturezas? Esse sentimento raramente lhes falta, mas não tem tempo de tornar-se eficaz. Na maior parte das vezes, não têm coragem para si mesmos. Quando a educação, a observação do próprio erro e a experiência da vida lhes houver ensinado, cedo ou tarde vão aprender a meio de se pôrem em guarda contra si mesmos, e quando os momentos de violenta emoção têm consciência do contrário, vão moderá-los, o qual existe em seus corações, são susceptíveis de grande fortaleza d'alma."

É evidente que uma classificação matemática desses defeitos apresentados por Clausewitz, não é variável, e que

as manifestações de seus estados d'alma lançam dúvidas que à categoria na qual podem ser classificados. O próprio Clausewitz dá a entender "que seria contrário à experiência tender que essas almas facilmente influenciáveis, não são capazes de manter-se em equilíbrio nos momentos das maiores emoções."

E' por isso que, quando pela educação, pela observação de si mesmos e pela experiência da vida, os homens que possuem estes elementos adquirem o equilíbrio, torna-se muito fácil distingui-los dos que pertencem à quarta categoria, isto é, os homens "sobre os quais os acontecimentos de pouca importância não exercem influência; que, em regra, não entram em ação rapidamente, e sim a pouco e pouco, e cujos sentimentos atingem um alto grau de intensidade, sendo muito duradouros. Esses temperamentos são os passíveis de paixões enérgicas, profundas e dissimuladas. São homens pouco influenciáveis e embora profundamente convictos, que se distinguem dos outros por serem mais capazes de vencer as dificuldades enormes que a guerra proporciona, e que a custo imaginamos."

O aumento excessivo do nervosismo em nossos dias convida de maneira insistente à observação de nossa personalidade, como meio mais eficaz de "adquirir uma grande fortaleza d'alma", e a tornarmos-nos semelhantes a essas naturezas robustas, animadas de paixões enérgicas e profundas. Inatenciosamente adquirida, a tranquilidade d'alma é indispensável na guerra. Em muitas circunstâncias, ela pode substituir várias outras qualidades. Clausewitz diz do general-chefe russo Barclay de Tolly que, no combate de Valutina-Gora, em 1812: "Ele guiou-se pelo que de melhor tinha em si, e que, unicamente destinara a exercer um comando importante, a saber: grande calma, constância admirável e uma bravura a tôda prova."

— SEM FÔRÇA DE CARÁTER, NENHUM CHEFE
ESTARÁ, NA GUERRA, À ALTURA
DE SUA MISSÃO

Designa-se por fôrça de caráter, ou geralmente, por cetera tenacidade nas convicções. Pode resultar de idéias comuns ou estranhas, ou ainda, decorrer de princípios, de opiniões e inspirações momentâneas; numa palavra, de tudo que está ao domínio da inteligência... Manifestamente, não se poderá dizer de um homem que a todo o momento e sem qualquer real, muda de opinião: êle tem caráter. Esta frase só é aplicável aos homens cujas convicções são tenazes.

Quem conhece a natureza inteiramente particular de uma situação referente a um fim prático, como tôdas as que devem ser tomadas notadamente na guerra, sob a pressão de grandes possibilidades, no meio de mil incertezas e contradições, é incapaz de compreender que o fato de tomar uma decisão definitiva sem forte apreensão, e que aquilo que nos parece possível somente se realizará, na verdade, com a assistência de uma grande fôrça de vontade. É por essa razão que, nos momentos de guerra que exigem os mais consideráveis esforços, o elemento da concepção é o menor, embora a justeza desta seja uma condição necessária."

Quando Clausewitz chama de "fôrça de caráter a tenacidade de uma resolução, mesmo quando nascida de uma inspiração súbita", quer acentuar com isto a importância muito maior que se refere à fôrça de vontade do que à concepção. Von Bismarck exprime de maneira idêntica quando se refere ao general Schwarzenberg; êle não era um chefe no sentido exato do termo, porque tinha necessidade de ser dirigido.

Devemos repetir aqui, é muito mais raro do que se pensa, que o fato de se deixar dirigir num sentido determinado permita alcançar os resultados. É mister dar provas de constância e de uma segurança que nem todos possuem em quantidade suficiente.

É o general que já se sente, por si mesmo hesitante, se deixar a ouvir muitas opiniões, o resultado certo é que sua

hesitação crescerá, e lhe será impossível formular um decisivo, firmar uma convicção própria, e tomar uma decisão oriunda de seu íntimo."

É pouco mais ou menos o que diz Moltke a respeito da constituição dos quartéis-generais: "Há generais que dispõem de quaisquer conselhos, que tudo avaliam por si mesmos e decidem o que os cercam somente resta executar.

"Êstes, porém, são astros de primeira grandeza, e um só produz poucos. Na generalidade dos casos, o chefe de exército não desejará privar-se de conselhos. Êstes poderão correr de uma apreciação da situação, compartilhada por um número mais ou menos grande de homens, cuja formação e experiência os torne particularmente capazes de formular juízos e pareceres exatos. Mas é preciso que nesta reunião de homens, a opinião prevaleça sempre... Resta, então, ao que comanda, o mérito infinitamente grande, e que o coloca acima dos outros, de tomar sobre si a responsabilidade da execução.

Ninguém é perfeito, e, notadamente nos caracteres humanos, os penderes inconvenientes são bastante acentuados. Então, de desejar, e até muitas vezes necessário, que os pares e conselheiros que os cercam, e que exercem influência sobre elle, contribuam, mercê de demasiada semelhança de caráter, a diminuir e a aumentar de maneira prejudicial os defeitos.

Faz-se mister, tanto quanto possível, que o caráter dos auxiliares mais immediatos do chefe seja a antítese do seu, e por certo modo, compensá-lo. Êste preceito, inteiramente justificado, supõe, entretanto, e de maneira absoluta, que o comandante chefe esteja à altura de suas difíceis funções ou que, pelo menos, seja capaz de satisfazer as exigências mais importantes dessa função; é frequente, entretanto, a má interpretação deste preceito, e se deduz, então, que os talentos de um auxiliar não deverão suprir as qualidades deficientes de um comandante de exército. É um êrro absoluto e perigoso.

É fora de dúvida que os dois chefes de estado-maior que se tornaram célebres, Hesz e Gneiseneau, não poderiam

envolvido plenamente suas brilhantes qualidades se, em vez de acharem ao lado de chefes dotados de alto valor, como Scharnhorst e Blücher, tivessem que se haver com caracteres desiguais de qualquer qualidade, ou acessíveis a influências baixas e mesquinhas e injustificáveis.

Há cousas que ninguém pode substituir no chefe quando não as possuem. Se, por exemplo, a independência de critério lhes falta a tal ponto que, em meio à multiplicidade de opiniões possíveis, não saiba reconhecer a mais oportuna; se é completamente desprovido da firmeza necessária para pôr em execução uma resolução, e exigir, no exército, em quaisquer circunstâncias, a obediência e o cumprimento do dever, ninguém será capaz de suprir esse lamentável estado de cousas.

Nos tempos de Frederico o Grande, não se conhecia a função de chefe de estado-maior, tal como a compreendemos hoje. Quando, portanto, o Rei se exprime de maneira inteiramente análoga a Clausewitz e de Moltke, quando diz: "Creio, em verdade, que um general ao qual um oficial subordinado dá um bom conselho, deve aproveitá-lo, como aliás, todos os que possam vir de servidores leais do Estado, quando conformes ao bem da Pátria; o general deve considerar somente a realização dos fins que tem em mira, sem se preocupar com saber se a idéia que o faz agir vem d'ele próprio ou de outrem. A única cousa importante é cumprir integralmente a missão que lhe foi confiada."

O chefe de estado-maior mais bem dotado, não pode desregar o general-chefe da responsabilidade de seus atos.

A conduta dos chefes russos na Mandchuria mostra de maneira impressionante que desastres pode engendrar o medo às responsabilidades. Habituaados a agir somente segundo as ordens minuciosas vindas de cima, aferravam-se angustiosamente a seguir as ordens recebidas e, sem nenhuma iniciativa, deixavam escapar ocasiões favoráveis, em que poderiam ter agido

com êxito. Apesar da bravura dos japoneses, tais ocasiões nunca faltaram.

“O fato de dispor do mais perfeito estado-maior, dotado da mais exata visão das cousas, não implica a mais notável direção de um exército, quando falta a alma de um grande chefe militar, porque, o golpe de vista e a pujança da vontade, que são as qualidades essenciais de um grande capitão, constituem muitas vezes, um corretivo excelente das manifestações demasiado eruditas da ciência de um estado-maior que, às vezes, **complica por gôsto os planos do general-chefe, quando êste não pode dispensar-se de apelar para êta na execução.**”

Hoje, mesmo ainda que na época de Clausewitz, o comandante de exército, em consequência da massa enorme de homens que terá de dirigir, não poderá privar-se de um estado-maior instruído. No tempo em que vivemos, não é, sem dúvida, o temer que o estado-maior, como o dos adversários de Napoleão “se atrapalhe com as manifestações de sua própria ciência.”

“O aspecto dissolvente dos perigos e dos sofrimentos da guerra, facilmente, ao sentimento, a supremacia sôbre a convicção da inteligência; e o crepúsculo em que tudo parece mergulhado torna o julgamento justo e claro tão difícil, que o fato de modificá-lo é perfeitamente compreensível e perdoável.

Na guerra, age-se sômente de acôrdo com o presentimento e a sensação da verdade. E' por isso que em nenhum outro domínio são tão grandes as divergências de opiniões; a corrente de impressões, contrária à convicção pessoal, não cessa nunca. A maior fleugma da inteligência não serve de garantia, porque essas impressões, muito fortes e muito vivas, são sempre, ao mesmo tempo, dirigidas contra a alma.”

À vista do que precede, parece que os homens de grande sensibilidade, não são apropriados para conduzir a bom termo as missões difíceis que se deparam no decurso da guerra;

a, entretanto, ensina o contrário. A cada passo, encontra em Frederico o Grande "uma abundância de sentimento que é dilacerante na dor", e, assim como o Rei, Lee e Pitke, foram homens fracos na vida privada. Mas sabiam silêncio a seus sentimentos e mostrar, quando as circunstâncias militares exigiam, para consigo mesmos e os demais, a firmeza que nenhuma consideração detém, e sem a qual o homem de guerra digno dêste nome. A sensibilidade de Frederico era compensada pelo equilíbrio que conservavam, qualquer que fôsse a violência das impressões recebidas. "Mas como o equilíbrio do coração exige força de caráter para admitir-se-á facilmente, por conseguinte, que os homens de guerra provas de grande fortaleza d'alma, têm, em regra, muito equilíbrio."

Em contraposição, os homens de muito espírito têm, frequentemente, pouco caráter.

O conde de Ségur, diz com muita justeza: "Muito espírito sem senso, com outro tanto de caráter, é o gênio!" As duas grandes qualidades fazem ver o ponto capital das cousas, e a inteligência faz empregar tôdas as forças para atingi-lo. Comum é, entretanto, quanto mais espírito, menos caráter; o espírito mostrando tanto o fraco quanto o forte de tôdas as cousas, tornando-os irresolutos".

A visão nítida das cousas não protege, portanto, da irresolução. "Os princípios e as idéias gerais que devem dirigir a atividade, não podem ser senão frutos da compreensão clara e profunda dos acontecimentos; é por causa disso que, por assim dizer, que ao lado de cada caso particular, se encontra, de certa maneira, ancorado o sentimento que se deve ter na situação (1). A dificuldade consiste precisamente no fato de perseverar nas conclusões dessa primeira meditação, não deixando-se levar pela corrente das opiniões e das aparências que o momento presente apresenta. Há, muitas vezes, entre o caso particular e o princípio, uma diferença essencial, que nem sempre

É o que se consegue por meio da aplicação constante do "método de raciocínio" preconizado pela doutrina francesa (N. do T.).

é fácil discernir num conjunto de dedugões decorrentes de factos visíveis, e que torna necessário uma certa confiança em si mesmo, bem como uma dose de ceticismo benfazejo.

É, então, que um princípio, com fôrça de lei, indica a linha de conduta a seguir: — perseverar na primeira opinião, em casos duvidosos, e nada alterar sem que um facto evidente o pugue a tanto. Entretanto, o facto de perseverar firmemente na primeira opinião, pôde conduzir muito longe.

A teimosia não é uma falha da intelligência; esta denominação cabe à repugnância em admitir uma apreciação differença da sua, em relação aos acontecimentos, repugnância que noutro aspecto da intelligência pode justificar. A teimosia é um defecto da alma. Esta inflexibilidade da vontade, esta susceptibilidade diante da contradita dos que nos cercam, tem sua origem na forma particular do egoismo, que coloca acima de tudo o proprio de dominar com sua própria actividade de espirito, a si mesmo, e não aos outros. Chamar-lhe-íamos de uma espécie de vaidade se não fôra, sem contradicção, alguma cousa de melhor; a vaidade contenta-se com as aparências, mas a teimosia assenta no proprio produzido pela cousa em si.

A teimosia não nasce da fôrça de carácter desenvolvido ao extremo, porque há homens excessivamente teimosos, mas não são dotados de minguada fôrça de carácter, consequência de uma pobreza de intelligência.

Com effeito, não é raro que a teimosia seja prova da pobreza de espirito, que considera como diminuição abandonar a propria cousa de suas idéias, o que, ao contrario, é prova de uma alma flexível. A teimosia revela-se, até frequentemente, em homens notavelmente bem dotados; é oriunda, então, mais de uma disposição inata da alma, que da influencia dos acontecimentos da vida.

Pode acontecer que por sua teimosia, um chefe deixe de alcançar os mais belos êxitos.

IX —

“A

que dir
vida do
dessa em
fôrças q
intelligên
completo
nela nos
dividuo.

Sej

diferenç
“condott
guerra,
conjunto
gras, lei
erro, a
mais ele
exército
tuem, de
que nêle
dá ao cr

Tra

espirito,
go milita
vaidade

pliado e

Nun

atrás de
o sentim
as grand
é sômen
o oficial
carreira
na, a que

IX — O QUE CONSTITUÍ A ESSÊNCIA DO CARÁTER DO HOMEM DE GUERRA.

“A guerra é um empreendimento inteiramente particular, e difere e se afasta do restante das atividades correntes da vida do homem. Estar compenetrado do espírito e da essência dessa empreza, despertar, exercitar e conservar em si mesmo as forças que atuam em nosso íntimo, compreender a guerra com inteligência, resolvê-la com certeza e facilidade, dedicar-se a ela completamente, ultrapassar o resto da humanidade no papel que ela nos cabe, tudo isto, constituí as virtudes guerreiras do indivíduo.”

Seja qual fôr, em razão do serviço militar obrigatório, a diferença entre as guerras nacionais e os empreendimentos dos *condottieri* de outróra, “os que desempenham um papel na guerra, deverão considerar-se sempre como, pertencentes a um conjunto que constituí uma espécie de corporação, em cujas regras, leis e hábitos se encarna o espírito guerreiro. Seria grave erro, a pretexto de considerar a guerra de um ponto de vista mais elevado, desdenhar do espírito de corpo. É êle que dá ao exército o que denominamos virtudes militares, as quais constituem, de certa maneira, o laço que une tôdas as forças naturais que nêle fazem sentir sua ação. É o espírito de corporação que dá ao cristal dessas virtudes tão fulgurante brilho.”

Trata-se, bem entendido, de pôr de lado os excessos lésse do espírito, que não são compatíveis com as necessidades do serviço militar geral, porque “não se pode comparar o egoísmo e a vaidade dos exércitos profissionais, com o espírito de corpo amaldiado e enobrecido.”

Num corpo de oficiais que, nos momentos graves, sabe ter atrás de si um povo inteiro, e que está habituado a confiar nêle, o sentimento da responsabilidade se desenvolverá muito mais, e as grandes idéias militares terão raízes muito mais profundas. Sômente assim que se poderá desenvolver o idealismo de que o oficial necessita, a fim de que, num longo período de paz, sua carreira não se torne monótona, e não seja dominada pela rotina, a que Lloyd chama “o pior de todos os tiranos.”

A nação armada representa o termo médio entre as milícias indisciplinadas e o exército profissional dos mercenários.

“As virtudes militares de um exército revelam-se uma potência moral perfeitamente definida.”

“Cumprer não confundir o espírito do exército com o moral que o anima.”

Se a primeira parte desta citação se aplica, palavra por palavra, ao exército prussiano destroçado em Iena, o final confirma-se nos acontecimentos que se desenrolaram do lado francês em 1870.

Os exércitos que sucumbiram em Iena e Sedan, combateram, ambos, gloriosamente; o desastre que sofreram é imputável aos erros do comando e de formação. Isto deve constituir um aviso severo no sentido de cuidar-se incessantemente, em tempo de paz, da conservação do espírito militar.

Não devemos dispor de um exército “que cujo moral se esvai rapidamente”. Nas circunstâncias atuais, não se pode esperar “que a força moral de nosso exército se eleve pouco a pouco, pela vitória e o esforço, à altura de sua difícil missão.”

O primeiro tiro de canhão deve encontrar-nos já bastante fortes para podermos suportar as mais pesadas tarefas, e dispor os maiores esforços.

A vitória imediata é indispensável, e por isso, devemos prepará-la por todos os meios durante o tempo de paz, e considerá-la, de maneira inabalável, como o fim essencial da preparação para a guerra. Numa guerra nacional, obter-se-á, então, esse entusiasmo fecundo “que faz executar mais do que a honra das armas exige; que tenta o impossível para atingir o que há de mais elevado”.

É nessas aspirações “para o que há de mais elevado”, que se encontra, propriamente falando, a melhor justificação da carreira militar que, em nossos tempos, não pode mais assentar-se

simplesmente na concepção da honra das armas, — mas que tem por base o sentimento do dever.

A significação moral da guerra se manifesta em tudo que o rodeia, e não nela. Por tôda a parte onde, na vida humana, rebente uma luta que não tenha, unicamente, e de ambos os lados, por causa, a satisfação, de uma rapacidade cega, ou a explosão sem intúitos de um humor belicoso; por toda a parte onde, num combate, se revela uma débil centelha do que o homem chama de seu dever, nasce, então, êsse sentimento sublime e misterioso, cuja doçura não pode ser humanamente avaliada, e que torna o pêso da vida tão leve, quanto o de uma pena: o sentimento do dever.

“O sentimento da honra pessoal, a consciência da própria personalidade, que elevam o homem acima das condições da natureza humana, e o prendem à ordem sobrenatural das cousas, nada mais são que a concentração da fôrça moral no indivíduo. Ela aparece no soldado como uma espécie de privilégio, como um patrimônio sagrado...”

“O guerreiro vela ciosamente por sua honra, porque sente que é a única cousa (mas essencial) que o eleva acima de sua caricatura, — o gladiador.”

Os apóstolos da paz eterna rebaixam o soldado ao nível dêste, porque lhes falece a idéia nítida da verdadeira energia. Falta-lhes a compreensão da grandeza do sacrifício e a noção do sofrimento que a guerra exige; perguntam a si mesmos, o que pode valer uma morte gloriosa a homens que a consideram como o maior dever de sua existência.

Conscientemente ou não, êsse desconhecimento da significação moral da guerra indica, principalmente, o desprezo pela importância da personalidade humana, que é, aliás, consequência das idéias materialistas sôbre o mundo e a vida. A base fundamental da doutrina da paz eterna, nada mais é que o egoísmo e o amor ao bem estar, que se esconde sob um vago idealismo.

A História nos ensina que as nações que desdenharam de empunhar as armas para salvar sua honra, foram sempre votadas à perda irremediável. Por esta razão, é bom que “quando um povo manifesta desejos de prazeres descuidosos, não limitados por considerações morais, se erga no horizonte o espectro das inquietações políticas: a guerra..., que nos lembra o que devemos à pátria.”

“A paz universal seria para a humanidade cousa nefasta, porque deveria ser comprada a custo do sacrifício de suas mais nobres qualidades e de seus mais altos destinos.”

“Se a luta que leva à efusão de sangue é um espetáculo horripilante, isto deve incitar-nos a honrar mais a guerra, e não a embotar cada vez mais o gládio, porque pode surgir um adversário que empunhe um mais afiado, e nos decepe os braços.”

As circunstâncias políticas atuais não são, certamente tais que os grandes conflitos militares entre os Estados pareçam suprimidos para sempre.

Devemos honrar o espírito militar, ainda quando a “união harmoniosa das forças” não nos pareça ainda completamente realizada.

A cousa essencial é, e será sempre, que, na aspiração a grandes cousas, o homem não procure satisfazer apenas sua vaidade e seu próprio proveito. Praticado nêsse sentido, o esforço para o aperfeiçoamento de nossa personalidade não será um fim absoluto, mas, unicamente, um meio para conduzir-nos à única cousa que, na guerra, dá a justa medida do valor do soldado, isto é: a ação.

Nota do tradutor. — Infelizmente e muito embora com a alma confrangida, não se pode negar razão a Von Freytag-Loringhoven, quando diz que as circunstâncias políticas atuais (refere-se a época anterior a 1913) não são de molde a suprimir os grandes conflitos armados entre os Estados. Repetido, agora, êste conceito, êle há de ferir muitos espíritos, mas, existem fundadas razões para refutá-lo?

Apesar dos ingentes esforços que o espírito de humanidade
pende para achar uma solução que elimine a guerra da face
terra, onde a "sinceridade universal" dos homens, única fôr-
capaz de garantir a extirpação humanitária do flagelo? Es-
emos, entretanto, mas esperemos em guarda, resolutos, bem
nados, e sempre preparados para a guerra, se ela nos fôr im-
ta, tal como o pára-raios, que aponta, impassível, para o ceu
l, sem nuvens...